



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas**

**JAIME RIBEIRO JUNIOR**

**INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO:  
UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO  
PRESENTES NAS REDAÇÕES DE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Brasília  
2017

**Jaime Ribeiro Junior**

**INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO:  
UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO  
PRESENTES NAS REDAÇÕES DE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Monografia apresentada à disciplina projeto de curso como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília

Orientador: Professor Doutor Marcus Vinicius Lunguinho.

**Brasília  
2017**

## **AGRADECIMENTO(S)**

Agradeço primeiro a Deus por me sustentar até aqui, ao meu orientador Marcus Vinicius Lunguinho da Silva pela valiosa orientação, conselhos e aprendizado recebido. Aos meus pais, Jaime e Rose, que sempre estiveram ao meu lado e me ajudaram, bem como aos tios Robson e Elisângela que me acolheram em sua casa por algum tempo.

Minha irmã querida, que sempre me incentivou e, por fim, agradeço a minha esposa Gleiciane que esteve comigo, que me deu forças para seguir em frente, me ajudou a perseverar e não me deixou desistir.

*Nossa tradição escolar sempre despreza a língua viva, falada no dia a dia como se fosse toda errada, uma forma corrompida de falar a língua de camões.*  
**Marcos Bagno**

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar como os alunos dos anos finais do ensino fundamental e médio indeterminam o sujeito das orações em redações dissertativo-argumentativas, ambiente que exige a formalidade da escrita. Assim, os alunos de 8º e 9º ano do ensino fundamental e 2º e 3º do ensino médio de uma escola de Novo Gama-GO foram orientados a escrever uma redação sobre medo e respeito, propositalmente, um assunto que não tratam em seu cotidiano. Foi verificado que todos os alunos haviam tido contato com o ensino normativo do sujeito indeterminado e todos tiveram uma aula sobre redações dissertativo-argumentativas dois meses antes da tarefa. Os dados foram analisados com base em pesquisas sobre gramáticas e pesquisas linguísticas, confrontando as regras normativas com as conclusões linguísticas sobre o assunto. Foi verificado que as estratégias propostas pela Gramática tradicional foram as menos usadas pelos alunos, concluindo que os alunos, naturais bons gramáticos, preferem usar as estratégias de sua língua oral ao invés das regras das gramáticas normativas apesar do contato formal de educação tido pelos alunos com tais normas

**Palavras-chave:** Estratégias de indeterminação do sujeito. Linguagem oral. Educação formal.

## ABSTRACT

The present work has the objective of demonstrating how the students of the final years of elementary and middle school indeterminate the subject of sentences in essay-argumentative writing, an environment that requires the formality of writing. That's students in grades 8th and 9th of elementary school and 2nd and 3rd grade of a school in Novo Gama-GO were oriented to write a essay about fear and respect, purposely, a theme that they do not deal with in their daily lives. So it was verified that all the students had contact with the normative teaching of the indeterminate subject and all had a lesson about essay-argumentative writing two months before the task. The data were analyzed based on research on grammar and linguistic research, comparing the Regulatory rules with the linguistic conclusions on the subject. It was verified that the strategies proposed by the traditional Grammar were the least used by the students, concluding that the students, natural good grammarians, prefer to use the strategies of their oral language instead of the rules of normative grammars despite the formal contact of education had by the students with Such standards

**Key words:** Strategies of subject indetermination. Oral language. Formal education.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Gramática Cunha &amp; Cintra(2009).....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 Gramática Rocha Lima(2011).....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 Gramática Ataliba de Castilho (2010).....</b>	<b>11</b>
<b>1.4 Gramática de Mário Perini(2005).....</b>	<b>12</b>
<b>1.5 Gramática Evanildo Bechara(2009).....</b>	<b>12</b>
<b>1.6 Gramática de Maria Helena Moura Neves (2009).....</b>	<b>13</b>
<b>1.7 Marcos Bagno(2009).....</b>	<b>16</b>
<b>2. PESQUISAS LINGUÍSTICAS .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Marcus Vinicius da Silva Lunguinho E Paulo Medeiros Júnior</b>	<b>20</b>
<b>(2009).....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Maria Eugênia Duarte (2009).....</b>	<b>23</b>
<b>CONCLUSÕES PRELIMINARES.....</b>	<b>24</b>
<b>3- METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Metodologia de coleta dos dados.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 Apresentação dos dados .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2.1 Amostra dos dados .....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 Análise dos dados .....</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

As estratégias de indeterminação do sujeito presentes nas redações de alunos dos anos finais do ensino fundamental e médio

O presente estudo se propõe a estudar como se dá o processo de indeterminação do sujeito utilizadas por alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental e do 2º e 3º ano do ensino médio em estruturas previstas ou não pela gramática normativa

Os objetivos do presente trabalho são: verificar como ocorrem essas estratégias e entender como são realizadas pelos alunos em ambientes formais.

Para alcançar esses objetivos, procedeu-se da seguinte maneira, foi escolhida uma escola no entorno do Distrito Federal, na qual os alunos foram orientados a escrever uma redação dissertativo-argumentativa em atividade avaliativa para a nota do bimestre. Estas redações foram tomadas como dados para verificação e são neste trabalho analisadas.

Esperamos demonstrar com este estudo a importância da consideração da língua oral cada vez mais como parte do currículo abordado na educação formal

O presente trabalho foi então estruturado em 3 capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica presentes nas gramáticas. O segundo capítulo proporciona uma análise sobre trabalhos linguísticos acerca das estratégias de indeterminação do sujeito no português brasileiro; no terceiro capítulo e último capítulo, apresentamos como estudo de caso as estratégias de indeterminação do sujeito utilizadas por alunos dos dois últimos anos dos ensinos médio e fundamental, bem como são apresentados os resultados da pesquisa realizada numa escola particular de Novo Gama-GO, entorno do Distrito Federal.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo consiste na apresentação da visão de algumas gramáticas e sobre a indeterminação do sujeito, que vai desde autores mais tradicionais até outros que apresentam teorias mais linguísticas.

### 1.1 Gramática Cunha & Cintra(2009)

Para Cunha e Cintra, o sujeito indeterminado ocorre quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada por desconhecimento de quem executa a ação ou por não haver interesse em seu conhecimento. Os autores apresentam duas possibilidades de representação desses casos: o verbo na terceira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular + pronome *se*. Nesta seção os autores apresentam somente estas orientações sobre o sujeito indeterminado e alguns exemplos. Aqui chamo a atenção para o segundo caso em que os autores trazem três exemplos, a saber:

- (1) a. Ainda se vivia num mundo de certezas.  
 b. Precisa-se do carvalho; não se precisa do caniço.  
 c. Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz.

Notemos que os autores não trazem nenhuma ressalva sobre os outros tipos de uso do *se*. Somente na seção Transformação da oração em voz ativa em passiva, na página 162, falam que a oração de voz ativa com verbo transitivo direto pode ser transformada em uma oração de voz passiva e nas observações dessa mesma seção acrescentam que a voz passiva pronominal sempre omite o agente e traz os seguintes exemplos:

- (2) a. Aumentou-se o salário dos gráficos.  
 b. Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.

Na página 399, Cunha e Cintra falam das vozes do verbo e citam que uma das formas de exprimir-se a voz passiva é com o uso do PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito. Apresentam os seguintes exemplos:

- (3)a. Não se vê[=é vista] uma rosa no jardim.  
 b. Não se veem[são vistas] rosas neste jardim.

Quando juntamos as informações, entendemos que Cunha e Cintra não consideram uma oração com verbo transitivo direto passível de indeterminação do sujeito, mas sim de passivização da voz. Os autores tratam o *se* como pronome apassivador quando na voz passiva, mas não contam o que faz desse *se* apassivador diferente do *se* que indetermina o sujeito.

### **1.2 Gramática Rocha Lima (2011)**

Para Rocha Lima, o sujeito é indeterminado quando não podemos ou não queremos identificá-lo, para tal ocorrência, como citado por Cunha e Cintra, Rocha Lima diz que a língua vale-se de dois expedientes: Ou quando o verbo é empregado na terceira pessoa do plural desde que não faça nenhuma referência ao pronome eles ou elas nem a substantivo no plural, ou quando o verbo é empregado na terceira pessoa do singular acompanhado de partícula *se* contanto que o verbo seja intransitivo ou exija complemento preposicionado.

### **1.3 Gramática Ataliba de Castilho (2010)**

Ataliba Teixeira de Castilho descreve, em sua gramática, não a língua portuguesa, mas sim o português brasileiro e trata nela muito mais que apenas regras e classificações. Com relação ao sujeito indeterminado, traz um conceito diferente, de que nenhuma classe que possa figurar como sujeito poderá ser intrinsecamente determinada ou indeterminada, o traço de definitude é definido no texto, dessa forma, afirma também que as representações do sujeito indeterminado, a saber, o sujeito representado por pronome pessoal do caso reto que ocorrem quando, como ele chama, há “referenciação genérica”, ou expresso pelo pronome *se*, ou sujeito elíptico com o verbo na terceira pessoa do plural. Vale ressaltar que Ataliba considera nesta seção, como sujeito indeterminado, o uso de pronomes pessoais sem referência explícita, logo, a simples citação do sujeito representado por pronome pessoal reto sem a citação do seu referente também é considerado como sujeito indeterminado, conceito diferente do que é normalmente apresentado por gramáticos normativos, que são apresentam somente os outros dois modos de

indeterminar o sujeito apresentados pelo autor nesta seção.

#### 1.4 Gramática de Mário Perini(2005)

A gramática descritiva de Mário A. Perini também não faz uma abordagem normativa da língua, seu pensamento está voltado para a descrição do uso do português, bem como as formas de classificação propostas.

Perini classifica como construções impessoais as orações com sujeito normalmente classificado como indeterminado pelas gramáticas normativas. Exemplifica os dois tipos existentes da seguinte forma:

- (4)a. Quebraram meu relógio.
- b. Come-se pizzas no natal.

Assim, em *4a meu relógio* é objeto direto e é paciente da ação, mas esta ação não tem sujeito, o que vai contra nossa intuição, pois sabemos que o relógio não pode se quebrar sozinho. Assim Perini cria uma regra para sanar o problema que seria introduzir “um agente (não-especificado)” na representação semântica de frases com núcleo do predicado na terceira pessoa do plural, sem sujeito. Ficaria assim então, a fim de demonstrar a interpretação do exemplo *4a* a sua representação semântica: “uma entidade animada não-identificada e humana quebrou meu relógio”

#### 1.5 Gramática Evanildo Bechara(2009)

Evanildo Bechara traz, junto à seção em que fala do pronome *se* na construção reflexa, o conceito de que o *se* pode aparecer em construções sem substantivo claro ou subentendido que possa funcionar como sujeito do verbo, este fato também é chamado por Bechara, de semelhante modo como por Perini, de construção impessoal. Assim como apresenta nos exemplos:

- (5)a. Abre-se às dez.
- b. Vive-se bem.
- c. Lê-se pouco entre nós.
- d. Precisa-se de empregados.
- e. É-se feliz.

E suas observações finais onde diz que, pelos exemplos mostrados, vê-se que o *se* como índice de indeterminação do sujeito, que é, primitivamente, exclusivo para verbos que não exigem complemento preposicionado, estendeu seu papel aos

transitivos diretos. Desta forma, construções como “vendem-se casas”, a qual significa que alguém está vendendo casas deixa a interpretação passiva, pois o suposto sujeito *casas* passa a ser objeto direto. Este conceito passa também pelo fato de que o substantivo *casas* não é animado e, portanto, não pode exercer sobre si a ação de venda. Diante disto, Bechara nos diz que o falante deixou de fazer a concordância do verbo, porque entende *casas* como objeto, e não sujeito do verbo vender. Bechara finaliza o assunto dizendo que a genuína linguagem literária exige a flexão do verbo, mas que ambas as sintaxes estão corretas: *vende-se casas ou vendem-se casas* e que a primeira não é, necessariamente, modificação da segunda, são apenas dois estágios diferentes de evolução da língua.

#### 1.6 Gramática de Maria Helena Moura Neves (2009)

Maria Helena Moura Neves tem, em sua gramática, na seção sobre os empregos dos pronomes pessoais uma subseção, 4.4 Os pronomes pessoais podem fazer referência genérica, que fala que alguns pronomes neste caso podem indeterminar o sujeito. O primeiro caso tratado é o pronome de tratamento *você*, o qual, embora seja uma forma de representar a segunda pessoa do discurso, pode indicar referência genérica quando *você* for usado como equivalente a uma pessoa qualquer. O exemplo abaixo está na página 463 de sua gramática.

(6)a. *Você* vai lá, fica dois dias fazendo curso, eles te catequizam, fazem *você* comprar uma tonelada de sabão e abrir o seu negócio.

Nestes exemplos, especificamente o terceiro a autora mostra que há indeterminação do sujeito porque esse *você* não tem um referente específico e, por mais que esteja inserido num diálogo, ele não é referente ao interlocutor do falante, mas sim a uma pessoa qualquer que realize essas ações.

Outro caso que Moura Neves aponta é o da forma pronominal *eu* que, apesar de altamente determinada por ser de primeira pessoa, também ocorre em referência genérica. Isto ocorre quando um falante imagina algo que qualquer outra pessoa possa fazer, algo que possa acontecer em um certo lugar e construa um enunciado onde coloca-se como sujeito dele como mostra o exemplo da página 464 da gramática em questão.

(7) *Eu* vou lá, fico dois dias fazendo curso, eles *me* catequizam, *me* fazem

comprar uma tonelada de sabão, e abrir meu negócio.

Como podemos ver o sujeito, mesmo que esteja em primeira pessoa, a situação em que o falante coloca o enunciado denota que o *eu* não trata dele próprio, mas sim qualquer pessoa que se sujeite a tal sequência de ações.

Todavia, conforme Maria Helena Moura Neves, o pronome *eles* é o mais citado, mas como exclui a segunda e terceira pessoas do discurso, esta indeterminação é apenas parcial. Vejamos como ocorre a indeterminação com o exemplo da autora.

(8) Você é jovem e quer ganhar dinheiro? Sou. Quer ter o seu próprio negócio? Sabão. Sei como é que é isso, *eles* te recrutam para vender sabão. Você vai lá, fica dois dias fazendo curso, *eles* te catequizam, fazem você comprar uma tonelada de sabão e abrir o seu negócio.

Aqui vemos que a referenciação genérica do sujeito se dá da mesma forma que ocorre com os demais pronomes aqui vistos. O sujeito é marcado pelo pronome *eles*, mas este não se refere a uma pessoa específica, e sim indetermina essa pessoa.

Ainda conforme a autora, mais comum é que ocorra essa referenciação genérica com a forma verbal na terceira pessoa do plural sem o uso do pronome sujeito. Assim mostram seus seguintes exemplos:

(9)a. *Jogaram* mais alguém na piscina; a velha cena da festinha em que todo mundo cai na piscina.

b. Estou certa de que Absalão foi assassinado! -Interrompeu Angela – *Encontraram* uma pessoa ossada.

Como podemos ver e reconhecer nos exemplos, em nossa fala formal ou informal, a referenciação genérica com a forma verbal de terceira pessoa do plural ocorre mais em nossa fala sem o pronome do que com ele.

Entretanto há também uma forma menos comum e de registro mais popular de emprego da terceira pessoa do singular para indeterminação do sujeito, que é o caso do seguinte exemplo que a Moura Neves traz.

(10) Lá *tira* título de eleitor.

Este é um típico exemplo muito comum na fala popular, que tem a forma verbal na terceira pessoa do singular sem preenchimento do sujeito, o que o indetermina.

As construções de terceira pessoa, por abrangerem todas as pessoas do discurso, são consideradas pela autora como de sujeito maximamente indeterminado, são elas as construções de terceira pessoa no singular mais o pronome se. Abaixo seguem exemplos da autora da página 464 mostrando este tipo de indeterminação.

- (11)a. Pensa-se em reduzir as importações fomentando a produção interna no setor manufatureiro.
- b. Falava-se de Pedro.
- c. Precisa-se de Porteiro.

Como vemos, não é possível saber, com as informações apresentadas quem pensa em reduzir as importações, quem falava de Pedro ou quem precisa de porteiro.

Neste caso Moura Neves ressalta ainda que os verbos que formam essas construções devem ser sempre intransitivos ou verbos que exigem complemento preposicionado, pois aqueles que exigem objeto direto, neste tipo de construção, formam voz passiva.

Por fim, apresenta um conceito não mostrado nas demais gramáticas abordadas neste trabalho, Moura Neves chama a atenção para indeterminação parcial da primeira pessoa do plural, visto que na forma *nós* somente aquele que fala está sempre determinado. Assim mostra o exemplo apresentado pela autora na página 465 de sua gramática:

- (12)a. Não bastassem o descontentamento e a miséria [...] o homem nem é um demônio para seu semelhante; *nós nos castigamos* e perseguimos uns aos outros, *estudamos* modos de *nos* prejudicarmos, de *nos ferirmos* mutuamente com ódio, abusos e injúrias; como aves rapinantes; como aves rapinantes *predamos*, *devoramos*.
- b. *Nós*, todos *nós*, o ser humano não suporta o sucesso de outro ser humano, *nós* odiamos o Pelé.

Nota-se nos exemplos da autora que há um falante, parte determinada do sujeito e há uma ou outras pessoas incluídas, as quais não podemos inferir pelo contexto.

### 1.7 Marcos Bagno(2009)

A gramática de Bagno começa a falar sobre o assunto indeterminação em seu capítulo 4, que fala da história da língua, aqui, na página 121, ele fala sobre uma característica exclusiva do PB em relação às outras línguas de origem românica: Nós brasileiros usamos o verbo na não-pessoa do singular para expressar a indeterminação do sujeito. Como nos exemplos que o autor traz:

- (13)a. Não sei onde compra os ingressos.  
 b. qui faz fotocópia, não sei onde compra os ingressos.  
 c. Nessa vaga não pode estacionar.  
 d. Tá usando muito esse comprimento.

Já na página 727, Marcos Bagno apresenta, na seção 14.5.1 Emprego do infinitivo flexionado. Aqui Bagno cita (Cunha e Cintra, 1985, p.473-474):

'O emprego das formas flexionada e não flexionada das formas do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas por gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado revelaram-se insuficientes ou irreais.'

Baseado nisso, Bagno afirma, como Cunha e Cintra, que não há regras, mas sim tendências de uso do infinitivo flexionado, então ele as cita, entre elas está a indeterminação do sujeito. Assim mostram seus exemplos na página 728:

(14) éh: eu já presenciei esse negócio... e:... você encontra... naquele despacho que vai se você tiver... oportunidade de de... ver jogarem uma panela de despacho dentro d'água... e se ela não for realmente colocada muito no fundo, você... tiver oportunidade de ver o que vai ali dentro, então você vai encontrar... bilhetes e mais bilhetes dentro (NURC/REC/004)

(15) não, mas eu li... quer dizer um projeto que eu vi *acabarem* inclusive naquele viaduto do rio Doce... agora não sei se depois mudaram qualquer coisa assim mas eu vi esse projeto inclusive porque nós íamos entrar na concorrência acabamos não entrando.

Sobre o pronome *você*, o autor fala que ele tem as mesmas

desinências da não-pessoa, 3ª pessoa do discurso e aponta isto como uma possível causa para ainda apontarem o pronome como de tratamento. Além disso menciona que há clíticos do pronome como o *ocê* e *cê*. Todavia foquemos no que é dito sobre a indeterminação do sujeito em torno do pronome *ocê*:

Um dos usos mais intensos de *ocê* no PB contemporâneo é como forma de *indeterminação do sujeito*. A indeterminação é um traço semântico, que recorre a elementos morfossintáticos para obter efeitos pragmáticos de não explicitação do agente. Ao lado de diversas outras formas – *se*, *eles*, *a gente*, *verbo na não-pessoa do singular e só plural* etc. - *ocê* é decerto a forma mais empregada nesse caso. (Bagno, 2011, pg. 748)

Bagno trata na mesma página sobre corpus de uma entrevista da CBN e do NURC – Brasil, Projeto da norma urbana oral culta do Brasil. Bagno apresenta uma tabela que mostra as ocorrências do sujeito indeterminado dividido pelas formas de *a gente*, *se* e *ocê* conforme mostro abaixo:

Tabela 1\_ Mostra as ocorrências de indeterminação do sujeito em pesquisa de Bagno citada em sua gramática.

FORMA	Nº	%
<i>a gente</i>	23	17,8
<i>se</i>	17	13,1
<i>ocê</i>	89	67%
TOTAL	129	100

Gramática pedagógica Marcos Bagno (2011) p. 749.

Assim pode-se notar que o número de ocorrências de *ocê* é bem maior que o número de *a gente* e *se*, apesar de ser esta última a única forma aceita pelas gramáticas normativas. Isto comprova a predominância de *ocê* conforme está presente na última citação de sua obra feita neste trabalho.

Na pesquisa feita no corpus do NURC-Brasil, Bagno encontrou 158 ocorrências de *a gente*[+indeterminado], 141 ocorrências de *ocê*[+indeterminado] e este mesmo número de *eles*[+ indeterminado], todavia afirma que há equivalência entre *a gente*[+indeterminado] e *ocê*[+indeterminado], ficando isto claro quando o falante emprega as duas formas numa mesma sequência discursiva. Trago abaixo o exemplo utilizado para demonstração por ele:

(16)eu acho esse tipo de vestibular unificado MUITO melhor que aquele outro vestibular em que *a gente* fazia... somente as disciplinas correspondentes ao setor correspondente que *você* ia estudar. (NURC/SSA/231)

O autor ainda ressalta que o *tu*, tendo sofrido a concorrência desleal do *você*, teve apenas 15 ocorrências registradas.

Bagno também fala sobre o pronome *se* como forma de indeterminação do sujeito e critica a posição das gramáticas normativas que excluem o papel desse tipo de indeterminação para o *se* clítico de verbos transitivos diretos, ele chama a atenção para a relação entre o *se* acusativo e o *se* reflexivo. Quando o pronome é reflexivo, o sujeito pratica e recebe a ação, mas quando o sujeito é um ser inanimado, ele, evidentemente, não pode realizar a ação, é apenas paciente dela. A gramática normativa interpreta esse *se* como partícula apassivadora, mas Bagno defende esse *se* como agente[+ indeterminado] da ação, índice de indeterminação do sujeito. Assim também critica a flexão do verbo para o plural a fim de concordar com o dito sujeito paciente. Ele afirma que é uma concordância estranha ao falante, concordar o verbo com seu objeto, principalmente *se*, e sempre é, o verbo exigir um agente [+ANIMADO] E/OU [+HUMANO]. Assim a frase usada como exemplo na página 806: “Nessa gruta *se* escondiam os tesouros roubados pelos piratas”, fica incoerente e evidente que tesouros não é o agente da ação. Desta forma Bagno ainda cita Said Ali e baseia-se em suas palavras para dizer que deve-se considerar a sintaxe e a semântica juntas e, em nome do bom senso, atribuir ao *se* a incontestável função de sujeito. Para reforçar, Bagno apresenta as seguintes frases:

(17)a. Na casa de Ivone *se* come demais.

b.Na casa de Ivone *se* come carne demais.

Para a gramática normativa, o primeiro exemplo tem sujeito indeterminado por causa do verbo intransitivo, mas a segunda, em que o verbo é transitivo direto, considera-se que o sujeito paciente da passiva é carne. A verdade é que o *se* funciona como sujeito indeterminado em ambas as frases, pois o contrário vai contra os aspectos semânticos, como ele já disse, as orações desse tipo sempre

terão verbos praticáveis somente por agentes [+ANIMADO] e/ou [+HUMANO]. Desta forma, soa estranho ao falante, tal concordância, visto que ele é, naturalmente, um bom gramático.

Bagno apresenta também outro bom exemplo para demonstrar a incoerência presente na flexão do verbo nas chamadas passivas sintéticas ou pronominais, uma placa vista por ele numa feira de artesanato da torre de TV de Brasília:

(18) Aqui se come.

Aqui se bebe.

Mas aqui também se lava os pratos.

Conforme é possível ver nas frases, as duas primeiras têm verbo intransitivo e são aceitas como tendo sujeito indeterminado pela gramática normativa, mas última tem verbo transitivo direto e os normativistas a consideram como voz passiva sintética, entretanto dificilmente convencer-se-á um falante do português brasileiro de que o sujeito que lava os pratos não é o mesmo que come e bebe nas sentenças anteriores. Assim, a flexão do verbo prejudicaria a coerência do enunciado e correria o risco de ser considerada agramatical pelo falante.

Por fim, o autor enumera alguns sintagmas nominais genéricos utilizados para indeterminar o sujeito no português brasileiro, que foram ao decorrer do tempo se cristalizando e são usadas para designar pessoas em geral ou nenhuma pessoa em particular e ressalta que elas podem ocorrer ou não de acordo com a classe social, região geográfica, idade e monitoramento da fala. Os termos estão mencionados na página 821 e são: a criatura, a pessoa, beltrano, fulano (de tal), neguinho, o camarada, o cara, o cidadão, o cristão, o maluco, o outro, o pessoal, o povo, o sujeito, sicrano, o zé e o zé dos anzóis, da carapuça etc.

Os exemplos citados por Bagno são claramente usados pelo falante brasileiro em suas conversas informais e até mesmo formais como uma forma não-prevista pela gramática normativa, mas empregável como indeterminadores do sujeito.

## 2. PESQUISAS LINGUÍSTICAS

O segundo capítulo trata dos estudos sobre as estratégias de indeterminação do sujeito presentes os trabalhos *inventou um novo tipo de sujeito*, de Lunguinho & Medeiros Júnior (2009) e de Eugênia Duarte em trabalho intitulado *termos da oração* retirado do livro *Ensino de gramática descrição e uso*, organizado por Silvia Rodrigues Vieira e Silvia Figueiredo Brandão.

### 2.1 Marcus Vinicius da Silva Lunguinho E Paulo Medeiros Júnior (2009)

O trabalho de Marcus Vinicius da Silva Lunguinho e Paulo Medeiros Júnior intitulado *inventou um novo tipo de sujeito* trata da estratégia de indeterminação de sujeito em que usa-se o verbo na 3ª pessoa do plural, mas sem o tradicional pronome *se*.

Os autores introduzem mostram o conceito aceito pela GT, doravante gramática tradicional, a qual diz, como já vimos nas análises gramaticais presentes neste trabalho, que a indeterminação do sujeito se dá quando o verbo faz referência a uma entidade desconhecida pelo falante ou quando este tem a intenção de omiti-lo por alguma razão e para tal vale-se de duas alternativas: o uso do verbo na terceira pessoa do plural ou verbos de ligação, verbos intransitivos ou verbos transitivos indiretos mais o pronome *se* visando à indeterminação do sujeito.

Após apresentar a visão da gramática tradicional, os autores mostram que existem outras estratégias de indeterminação para as quais o português brasileiro, o PB, tem caminhado como o uso de pronomes ou sintagmas empregados com significação imprecisa, por exemplo, *você, a pessoa, alguém, o neguim, o cara*. Vejamos os exemplos empregados pelos autores na página 9 de seu artigo:

- (19)a. Aí *você* se descuida e vem todo mundo em cima de *você*.  
 b. Quando *a pessoa* vai lá, não tem ninguém para atender.  
 c. *Alguém* roubou meu lanche.  
 d. Se *você* fizer isso, depois *neguim* vai te encher a paciência.  
 e. O *cara* vem aqui para se consultar e o médico nunca está.  
 f. O *peçoal* vem, come pra caramba e ainda sai reclamando.

Aqui podemos ver que além das formas previstas na GT, há também outras formas em que, como as gramáticas mesmo dizem, não é possível dizer quem é o sujeito, ficando ele indeterminado.

Visto que Lunguinho e Medeiros Júnior atestaram a existência de outras possibilidades de sujeito, passemos agora ao objeto de seu trabalho como eles apresentam:

Este trabalho, entretanto, pretende pôr em discussão um tipo de construção que tem se tornado cada vez mais comum no PB, que são construções como as que aparecem em (6). Ao que tudo indica, trata-se de uma nova estratégia de indeterminação do sujeito, que se constrói com uma forma transitiva flexionada na terceira pessoa do singular, mas sem o tradicional *se*, que seria exigido nessas circunstâncias, como preveem as gramáticas. Ressalte-se que um tipo de construção sintática com essas características é terminantemente rejeitado pela visão normativa.

Lunguinho & Medeiros Júnior(2009), p.10

Conforme vimos eles trabalham com uma estratégia de indeterminação do sujeito não aceita pela gramática tradicional normativa, assim como pretendo mostrar no presente trabalho que essas tais construções também ocorrem em ambientes formais, vejamos a seguir os exemplos empregados por eles na página 10 mostrando a estratégia de indeterminação discutida.

- (20) a. Matou um rapaz no show de Zezé di Camargo e Luciano ontem.  
 b. Montou o armário lá em casa semana passada.  
 c. Telefonou aí da CEB para você.  
 d. Lava sofá.  
 e. Joga-se búzios e faz amarração para o amor.  
 f. Não usa mais saia.  
 g. Não tá mais contratando gente para trabalhar.

Como vimos, os exemplos cumprem a prerrogativa de indeterminar o sujeito, mas conforme o constante na última citação aqui registrada, não está de acordo com a visão normativa, apesar de serem estratégias válidas.

Como origens para esta estrutura eles apresentam o enfraquecimento da concordância, que tem se tornado a mesma para segunda e terceira pessoa, visto que o pronome *você* tem a mesma desinência da 3ª pessoa e tomou o lugar do

*tu*, que em algumas regiões é usado, mas também com a forma verbal de 3ª pessoa na maioria das regiões e discursos monitorados.

Baseados nos trabalhos de D' Albuquerque(1983), Cyrino(1993), Nunes(1991;1993) e Pagotto (1993), os autores apontam o apagamento dos clíticos no PB como uma das raízes da estratégia discutida. Eles vêm aos poucos diminuindo e, em alguns casos, um mesmo clítico pode representar mais de uma pessoa do discurso. Um dos exemplos mostrados é o pronome oblíquo *a*, que no PB pode se referenciar à 2ª ou 3ª pessoa, diferente do PE, português europeu, em que é referencial somente para 3ª pessoa. Assim como PB sofre também a perda dos reflexivos como na comparação de exemplos exemplos mostrados na página 13:

- (21) a. Ele se chama José.
- b. Ele chama José.
- (22)a. Não se arrepende da compra.
- b. Não arrepende da compra.

Ao ler os exemplos é fácil percebermos que realmente as construções sem o clítico estão cada vez mais presentes no vocabulário e pode ocorrer mesmo em discursos mais monitorados.

Apontam ainda que a língua adota na maioria das vezes a ordem SUJEITO – VERBO – OBJETO (SVO), ficando a ordem contrária restrita a alguns tipos particulares de construções. Como nos exemplos abaixo:

- (21)a. Chegou uma carta aí pra você.
- b. Telefonou um cara aí.
- c. Ergueu o braço o juiz.

A estrutura das passivas sintéticas também pode ser uma causa para isto, visto que argumento pós-verbal considerado pela GT, gramática tradicional, como sujeito paciente passa a ser interpretado pelo falante, devido à familiaridade com a ordem SVO, como objeto do verbo e para a interpretação do sujeito indeterminado. Tanto na estrutura prevista pela GT, quanto na estrutura em que o sujeito é indeterminado, há indeterminação do agente. Desta forma, já que o sujeito pode ser interpretado como indeterminado mesmo com verbos transitivos diretos, VTD, em contraposição ao que diz a GT, que considera esses verbos apenas passíveis da formação de estruturas como as passivas sintéticas; o falante associa

isto à perda dos clíticos já demonstrada e passa a ser natural usar a estrutura VTD sem o tradicional clítico se para indeterminar o sujeito.

## 2.2 Maria Eugênia Duarte (2009)

Em trabalho de Eugênia Duarte publicado no livro *Ensino de gramática descrição e uso* organizado por Silvia Rodrigues Vieira e Silvia Figueiredo Brandão, o sujeito indeterminado, uma noção semântica só tem sentido caso seja oposta ao sujeito determinado, sem referência definida. Então ela propõe que o sujeito seja classificado pela forma, expressa ou não expressa, e pela referência, definida, indefinida ou inexistente.

A autora traz alguns exemplos na página 196 em seu capítulo *termos da oração* em que mostra uma estratégia de indeterminação do sujeito que foge às tradicionais previstas na gramática normativa:

- (22) a. Não usa mais máquina de escrever.
- b. Vende apartamento.

Nos dois exemplos trazidos pela autora podemos perceber que o sujeito está indeterminado, não é possível dizer quem não usa mais máquina de escrever nem quem vende apartamento, logo são estruturas com o sujeito indeterminado.

A gramática normativa diz que o pronome *se* é um índice de indeterminação do sujeito quando a construção ocorrer com verbo intransitivo ou transitivo indireto, compreendido pela autora como verbo transitivo relativo, mas há exemplos que não se encaixam nos pré-requisitos vejamos abaixo:

- (23)a. Não se usa mais máquina de escrever.
- b. vendem-se apartamentos.

As construções acima são consideradas passivas pela GT, mas a autora considera, conforme seus estudos, que os verbos concordam com seu argumento interno, os quais estão funcionando como sujeito. Tais verbos selecionam um argumento externo, o sujeito, mas não conseguimos identificá-lo, pois ele está indeterminado e sua função já é realizada pelo argumento interno, desta forma não há uma função para o argumento externo, o agente, o qual fica suspenso. Assim a autora conclui o seguinte:

Podemos concluir que o pronome “se” é sempre usado para indeterminar o argumento externo. Seja numa construção ativa (em que o sujeito indeterminado é

o próprio argumento externo), seja numa construção passiva (em que o argumento interno funciona como sujeito gramatical). A diferença, então, entre o uso do “se” apassivador e “se” indeterminador está na interpretação sintática que o usuário da língua dá ao argumento interno dos verbos transitivos diretos.

Eugênia Duarte (2009), p. 197

## CONCLUSÕES PRELIMINARES

Verificamos até aqui informações que serão importantes para compreensão dos dados a serem analisados mais a frente neste trabalho. Concluimos até então que a gramática normativa entende o sujeito indeterminado como alguém desconhecido pelo falante ou que não lhe interessa revelar a identidade e prevê a gramática duas estruturas capazes de representar na língua a indeterminação. São elas: O verbo na 3ª pessoa do plural sem referente conhecido e verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos acompanhados do pronome *se*.

Todavia foram apresentadas também, gramáticas como a de Marcos Bagno e Maria Helena Moura Neves em que os autores abordam outros turnos utilizados pelos falantes da língua para indeterminar o sujeito com pronomes como *você* ou sintagmas que trazem uma ideia generalizada e que podem designar qualquer ser do mundo real, mas sem a possibilidade de determiná-lo. Ressaltemos de Bagno sua brilhante defesa do *se* exercendo função do sujeito na oração e a apresentação de argumentos que mostram provas de que o *se* é indeterminador do sujeito, mesmo em construções com verbos transitivos diretos, em contraposição ao que diz a GT, bem como mostra ser incabível a norma que manda flexionar o verbo transitivo direto em concordância com o sujeito paciente em construções chamadas de passivas sintéticas pela GT.

### 3- METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

As modificações tecnológicas permitiram o

#### 3.1 Metodologia de coleta dos dados

Os dados analisados para esta pesquisa foram coletados de redações feitas por alunos de uma escola particular do município de Novo Gama-GO, entorno do Distrito Federal com permissão da escola e do professor de língua portuguesa. O local escolhido foi uma escola porque é um ambiente de educação formal, tornando possível mostrar que a língua apresenta dados não previstos pela gramática normativa mesmo em ambientes formais e situações de alto monitoramento. A escola tem uma turma de cada série e as redações analisadas são de alunos dos dois últimos anos do ensino fundamental e os dois últimos do ensino médio. O tema apresentado pelo professor foi a diferença entre medo e respeito. Estes alunos assistiram a um episódio do seriado “Todo mundo odeia o Chris”, o episódio “Todo mundo odeia o inspetor”, em que o personagem principal vira inspetor do corredor de sua escola, mas não é respeitado, entretanto, quando começa a agir intimidando e amedrontando os alunos, ele consegue ser obedecido, todavia, ainda sem conquistar o respeito e a admiração deles, inclusive seu melhor amigo. Após discussões em sala, com o objetivo de fazer os alunos refletirem sobre a diferença existente entre medo e respeito e a relação custo-benefício formada por esta dicotomia, os alunos foram orientados a escrever uma redação dissertativo-argumentativa sobre este tema para entregar na aula seguinte. Vale ressaltar que o professor da escola apresentou uma aula sobre redações dissertativo-argumentativas no bimestre anterior em todas as salas e que todos já haviam estudado os tipos de sujeito em algum momento da vida acadêmica, sendo das séries do terceiro ano e do oitavo o contato mais recente, dado no mesmo ano em questão.

O tema foi escolhido em decisão conjunta com o professor visando à análise do emprego do sujeito indeterminado pelos alunos, visto que o tema não está entre seus assuntos rotineiros e que eles já sabiam que o discurso de uma

redação dissertativo-argumentativa é sempre formal e, essencialmente, para fins de exames seletivos escritos como vestibulares e concursos, em 3ª pessoa, logo deveriam redigi-la de forma impessoal, assim esperávamos deles o emprego de estruturas sintáticas que indeterminassem o sujeito, ou pelas formas descritas na gramática tradicional, ou por outras estratégias, intuitivamente, usadas por eles.

Das 30, somente uma não apresentou nenhuma estratégia de indeterminação.

### 3.2 Apresentação dos dados

Para preservar a identidade dos alunos, seus nomes verdadeiros não serão revelados, alunos do sexo masculino serão identificados como “aluno”; do sexo feminino, como “aluna” e serão diferenciados por uma letra maiúscula aleatória e o número correspondente à sua série mais “ef” quando do ensino médio e “em” quando do ensino fundamental. Assim, *alunaK8ef* seria estudante de sexo feminino do 8º ano do ensino fundamental e *alunoC2em* seria um aluno de sexo masculino do 2º ano do ensino médio.

#### 3.2.1 Amostra dos dados

1 – alunaA8ef

Respeito é quando **se faz** ou **aceita algo** porque **gosta, tem** um carinho pela pessoa. Que **se obedece** porque **sabe** que **a pessoa** quer o melhor.

Medo é quando **se faz** as coisas ou **não faz** dependendo das consequências. Quando um filho sai escondido porque sabe que não **vão** descobrir, não se tem respeito.

Quando **se tem** medo, **você** não ama, gosta, tem afeto.

Quando **se tem** medo, **a pessoa** cometerá o erro e não **se arrependerá** caso a outra descubra.

2 - alunaB8ef

Vamos supor que **você** pense em pegar uma bala, **você** a pegaria ou não pegaria...?

Se **você** respeita seus pais apenas com os pais apenas pelo medo do que eles fariam com você, **você** não os respeita, e sim obedece com medo de que eles poderiam te fazer.

3 - alunaC8ef

Muitas vezes **respeitamos** as pessoas por admiração, é muito difícil **você** ter respeito por alguém que não te respeita.

Quando **falamos** sobre respeitar, **falamos** sobre parar de falar mal dos outros. **Muitas pessoas** confundem medo com respeito, porque, se **você** colocar medo nas pessoas, elas vão sim respeitar, mas não vão ter respeito por você em outros lugares.

Se meu professor estiver falando, **precisamos** respeitá-lo.

Então **vamos** parar de ter medo e respeitar as pessoas se **quisermos** ser respeitados, não **somos** ninguém pra falar mal das pessoas.

4 - alunaD8ef

Quando **uma pessoa** tem medo de você, ela não te obedece porque te respeita, mas sim porque tem medo das consequências.

Fica mais fácil respeitar quem **você** ama, porque essa pessoa não te ameaça, e sim te ensina.

5 – alunoE8ef

Na minha opinião é bem melhor respeitar por obrigação do que por medo, por que na obrigação **você** sabe que tem que respeitara a pessoa e respeita com carinho. Já no medo, **você** respeita com ameaças. “Lave a louça direito senão **você** apanha”

6 - alunaF8ef

Se as pessoas respeitassem mais as outras, o mundo seria melhor...Se **ficarmos** somente com medo das consequências, nunca **vamos** aprender a respeitar de verdade.

7 – alunaG8ef

Dizem que se a pessoa tiver medo de você, ela vai te respeitar, **as pessoas** não vão te respeitar se tiverem medo de você. Algumas até vão por serem ingênuas. **Temos** que entender que existem diferenças entre medo e respeito.

Então, querer ter alguém a seus pés por medo é bom, mas é bem mais frágil que tê-la por respeito.

Quando **respeitamos** alguém , significa que admiramos esta pessoa. Já quando **sentimos** medo, não há admiração...

8 – alunoH8ef

Medo é quando **tem** medo de algo ou alguma coisa. Se **você** sai correndo ou se esconde ou fala que **você** tá com medo e fala pros seus pais ou seus professores... Respeito é quando **você** respeita os mais velhos, os pais e professores.

Porque se **você** quiser respeito, então mereça.

9 – alunaJ8ef

**Nós** devemos respeito a exatamente todo mundo.

**Muita gente** não respeita o professor, e sim tem medo do que ele pode fazer com você ou sua nota caso **você** não o obedeça.

10 – alunaL8ef

É tipo um pesadelo o medo, porque **as pessoas** veem uma coisa que é estranha e **você** terá medo desta coisa.

O respeito é quando as pessoas têm atitude de consideração à pessoa, porque muitos não têm e só **você** ter, se um mundo tivesse mais respeito seria um mundo de paz.

11 – alunaA9ef

para relacionar com teu pai **você** comporta com amor, carinho e parar numa blitz além do respeito surge o medo porque normalmente o policial está procurando suas falhas e pode te suprimir.

Quando **a pessoa** é mais humilde e não conhece seus direitos

12 -alunaB9ef

Quando **uma pessoa** sente medo de cobra

Quando **uma pessoa** tem medo de falar em público

Quando se tem medo de uma pessoa, **você** não se importa com a pessoa ou com os sentimentos dela.

Quando se tem medo dessa pessoa, **você** faz as coisas porque se importa com essa pessoa

13 - alunaC9ef

Não **se pode** fazer com que **um indivíduo** sinta medo, pois causa danos psicológicos ou físicos.

14 – alunaD9ef

**As pessoas** são hipócritas, só querem ser merecedoras, mas não fazem nada para merecer

Entenda, **você** sendo uma autoridade ou tendo uma arma não te faz ter respeito, sendo que **você** coloque medo, as pessoas não vão te respeitar, vê os teus conceitos e vê o que **você** está fazendo para **as pessoas** sentirem isso de você. O medo te\*\* faz desistir de ela não se importar mais, porque **a pessoa** tirou aquilo que é mais lindo, que é a confiança.

Pode ter certeza que aquilo que ele vai sentir por você vai ser o medo, porque respeito **você** não vai ter.

15 - alunaE9ef

Tem uma grande diferença entre medo e respeito, realmente existem **algumas pessoas** que têm medo

E também tem **pessoas** que não têm medo, mas tem respeito.

Olha, se **as pessoas** não deixassem o medo tomar conta em tudo dentro delas, elas jamais iriam ter medo.

Por onde **você** andar, vai precisar de respeito.

16 – alunoF9ef

o ponto principal é: como conseguir respeito? Bem, para conseguir respeito, **temos** que merecer Para isso não devemos fazer **a pessoa** ter medo de nós para ganharmos respeito. Se nós formos duros ou agressivos com uma pessoa afim de conseguir respeito, não vamos estar fazendo **a pessoa** nos respeitar, e sim nos temer.

17 - alunaA2em

**As pessoas** que tentam nos educar geralmente procuram impor o respeito de uma melhor forma.

18 - alunoB2em

Sem dados

19 – alunoC2em

O que dizer sobre o medo ou o respeito? E **temos** medo de muitas coisas, como por exemplo o desconhecido e sobrenatural.

**As pessoas** confundem medo com respeito.

20 - alunoA3em

A partir do momento que **respeitamos** alguém, **estou** reconhecendo que o outro merece a mesma atitude que eu queria receber. Quando **tenho** respeito, mostro a mim mesmo e para a sociedade que as minhas atitudes não devem ser tomadas para somente me favorecer, mas também pensando no próximo.

Quando **sinto** medo de alguém, por exemplo, **acabo** o respeitando, não porque aprendi o que é certo, mas porque tenho conhecimento de que outros possam me fazer algum mal.

21 - alunoB3em

Para **termos** respeito, basta apenas **nós** respeitarmos e nos **respeitarão**.

22 - alunoC3em

Não tem como **a pessoa** não sentir medo, principalmente em momentos de perigo, que fazem com que **as pessoas** sintam “medo”, ... é claro que existem situações em que é melhor recuar, mas existem outras em que é preciso tomar uma atitude.

23 – alunoD3em

**Deve-se** entender que deve respeitar o próximo, como aceitando.  
Já o ódio **entende-se** como uma manifestação de raiva mediante uma pessoa...  
Onde **o indivíduo** passa a não aceitar aquilo.

24 -alunaE3em

O medo faz com que **as pessoas** tenham medo da pessoa, mas não faz **a pessoa** respeitar, faz com que tenha medo.

Se **as pessoas** querem respeito, não forcem **as pessoas**, se não elas acabam com medo.

25 -alunaF3em

Quando **uma pessoa** abusa do seu poder... Ela acaba fazendo com que **as pessoas** tenham medo dela... isso só mostra o quanto **a pessoa** é incapaz de conseguir respeito por quem ela realmente é.

**Nós** só alcançamos o respeito das pessoas quando, através de nossas atitudes e gestos entre outras coisas mostramos quem somos e, através disso, ganhamos nosso devido reconhecimento e somos respeitados.

26 - alunaG3em

por que muitas vezes para ter respeito, **Ø** precisa ter medo? Pois em alguns casos **Ø** precisam ser mais autoritários.

**Conclui-se** que o respeito é fundamental para **termos** uma relação saudável.  
E o medo é algo que **sentimos** muitas vezes para respeitar.

27 - alunaH3em

Respeito é quando **você** tem admiração por algo ou alguém.  
O medo vem através de uma desconfiança, ocorre principalmente na infância, não sente firmeza em desabafar com alguém próximo... O medo não deixa ter amizade, carinho, harmonia e isso faz com que essa pessoa se afaste no meio da sociedade.

Ele percebeu que para ter respeito, ele não precisava ter uma função importante para **as pessoas** o respeitarem.  
Então **você** não deve querer ser respeitado ou conhecido por algo ou por alguém, **você** tem que fazer o respeito com suas atitudes, respeitando as outras pessoas.

28 – alunaJ3em

com o medo, **o ser** não aprende a respeitar, pois se tiver essa sensação, **o indivíduo** não aprende o que é honrar.

Para levar **a pessoa** ao ponto de temer horrores de alguém.

O que **você** deve ter mesmo é respeito, porque se **você** tem respeito e medo, é melhor **você** tirar esse medo, porque se em tudo **você** for fazer, simplesmente **você** tiver medo.

29 – alunoL3em

Então **você** não deve querer ser respeitado ou conhecido por algo ou por alguém, você tem que fazer o respeito com suas atitudes, respeitando as outras pessoas.

30 – alunaM3em

O respeito pode ser adquirido de várias maneiras, a forma mais simples é ser temido, porém esse tipo de respeito traz raiva, rancor e é extremamente frágil, pois a qualquer momento **você** pode perdê-lo.

E mesmo que seja uma autoridade, **você** não terá medo, e sim respeito.

Para impor o medo, muitas vezes, **tem-se** que aumentar a voz, castigar, ou até mesmo usar a força física, como é o caso da relação dos pais e filhos, por isso sempre **se deve** ter cuidado para, muitas vezes, não confundir o medo e o respeito.

### 3.3 Análise dos dados

Para melhor compreensão dos dados fiz uma tabela numerada de 1 a 30 e a respectiva identificação dos alunos como já informado neste capítulo e o número de ocorrências para cada estratégia de indeterminação do sujeito vistas nos dois capítulos anteriores. As estratégias analisadas foram (Após cada estratégia discriminada, há entre parênteses as formas tal como aparecem na tabela): As formas previstas pelas gramaticais tradicionais, 3ª pessoa do plural ou verbos de ligação (3ª pessoa do plural), verbos intransitivos e verbos transitivos indiretos na 3ª pessoa do singular mais o pronome *se* (V.L./V.I./V.T.I + *se*); Os verbos em primeira pessoa do singular e do plural com posição de sujeito preenchida ou não como mostrado em Maria Helena Moura Neves (Primeira pessoa p./s); O *você* como índice de pessoa conforme mostra Marcos Bagno (*Você*) e os sintagmas de significação generalizada de com acordo Bagno e os estudos linguísticos realizados sobre Marcus Vinicius da Silva Lunguinho e Paulo Medeiros Júnior (Sintagmas de

significado generalizado); verbos na 3ª pessoa do singular sem preenchimento da função de sujeito e não acompanhado do pronome *se* em concordância com os estudos linguísticos dos dois últimos autores citados, bem como os de Eugênia Duarte (V.T.D + *se*); Por fim a indeterminação do sujeito com verbos discriminados como verbos transitivos diretos pela GT mais o pronome *se* em concordância com o que foi visto em Bagno, Lunguinho&Medeiros Júnior e Eugênia Duarte (3ª pessoa do singular com sujeito  $\emptyset$ ).

Tabela 2: Estratégias de indeterminação do sujeito separadas por tipo e aluno

Alun@	V.L./V.I./ V.T.I + <i>se</i>	3ª pessoa do plural	Primeir a pessoa p./s	Você	Sintagmas de significado generalizado	V.T.D + <i>se</i>	3ª pessoa do singular com sujeito $\emptyset$	Total
1-alunaA8ef	2	1	-	1	2	4	5	15
2-alunaB8ef	-	-	-	4	-	-	-	4
3-alunaC8ef	-	-	7	2	1	-	-	10
4-alunaD8ef	-	-	-	1	1	-	-	2
5-alunoE8ef	-	-	-	3	-	-	-	3
6-alunaF8ef	-	-	2	-	-	-	-	2
7-alunaG8ef	-	-	3	-	1	-	-	4
8-alunoH8ef	-	-	-	4	-	-	1	5
9-alunaJ8ef	-	-	1	1	1	-	-	3
10-alunaL8ef	-	-	-	2	1	-	-	3
11-alunaA9ef	-	-	-	1	1	-	-	2
12-alunaB9ef	-	-	-	2	2	-	-	4
13-alunaC9ef	-	-	-	-	1	1	-	2
14-alunaD9ef	-	-	-	4	3	-	-	7
15-alunaE9ef	-	-	-	1	3	-	-	4
16-alunoF9ef	-	-	1	-	2	-	-	3
17-alunaA2em	-	-	-	-	1	-	-	1
18-alunoB2em	-	-	-	-	-	-	-	0
19-alunoC2em	-	-	1	-	1	-	-	2
20-alunoA3em	-	-	5	-	-	-	-	5
21-alunoB3em	-	1	2	-	-	-	-	3
22-alunoC3em	-	-	-	-	2	-	-	2
23-alunoD3em	-	-	-	-	1	2	-	3
24-alunaE3em	-	-	-	-	4	-	-	4
25-alunaF3em	-	-	1	-	3	-	-	4
26-alunaG3em	-	1	2	-	-	1	1	5
27-alunaH3em	-	-	-	3	1	-	-	4
28-alunaJ3em	-	-	-	5	3	-	-	8

29-alunoL3em	-	-	-	1	-	-	-	1
30-alunaM3em	-	-	-	2	-	2	-	4
Total	2	3	25	37	35	10	7	119

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor do trabalho

Com vistas aos dados apresentados, verifica-se que poucas são as ocorrências das estratégias de indeterminação previstas na GT utilizadas pelos alunos em suas redações apesar de já conhecerem tais estruturas e saberem da exigência de muitos exames pré-seletivos para ingresso em universidades e ocupação de cargo ou emprego público. Se somar o das ocorrências de estratégias previstas pela GT, são apenas 5 de um total de 119 ocorrências analisadas, perdendo apenas para a terceira pessoa do singular, com 7 ocorrências.

Por outro lado, as maiores ocorrências foram, respectivamente, de *você*, palavras de significado generalizado e primeira pessoa do plural e do singular. Estas presentes apenas nos trabalhos linguísticos e nas gramáticas de Bagno e Moura Neves, duas gramáticas, todavia que apresentam posicionamentos diferentes da GT.

Como primeiras impressões diante dos dados, verificamos que eles apontam para realização esmagadoramente maior de estratégias previstas por trabalhos que vão além do que prevê a GT e prova mais uma vez que a língua oral evolui mais rápido que língua escrita pregada pelos normativistas.

Assim, por mais que os alunos entendam e conheçam as regras da gramática normativa, usam-nas, na maioria das vezes, em provas escolares que exijam este conhecimento explicitamente, mas na realização prática da língua, estes naturais gramáticos, intuitivamente, usam a língua que verdadeiramente aprenderam desde de recém-nascidos e empregam também na língua escrita as marcas da oralidade.

É verdade também que nem todas as marcas orais são trazidas para escrita. Algumas pouco se vê, como é o caso da conjugação do verbo na 3ª pessoa do singular sem o tradicional *se*, apontado como índice de indeterminação. Isto mostra que os alunos entenderam que a tarefa era um ambiente formal e que nem todas as regras de sua gramática interna pessoal eram válidas para o contexto provando que eles entendem a linguagem utilizada como realização formal de sua língua materna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender que as estratégias de indeterminação recomendadas pelas gramáticas normativas não são muito utilizadas pelos alunos que participaram do corpus deste trabalho. O estudo mostra exatamente o contrário, assim como afirma Bagno  *você foi a forma mais empregada pelos alunos ao indeterminar o sujeito. A ocorrência das demais estratégias apresentadas por gramáticos e estudos linguísticos também foram muito maiores que as ocorrência de dados apontados pela GT.*

Foi verificado que os alunos utilizam estratégias da língua oral para indeterminar o sujeito mesmo em tarefas formais como redações dissertativo-argumentativas. A possibilidade é de que isto ocorra porque os alunos entendem tais estruturas como formais, pois privilegiam algumas estruturas da língua oral, mas desprezam outras, que possivelmente consideram informais.

É importante ressaltar que a língua escrita e as regras normativistas da língua escrita são privilegiadas na escola em detrimento da língua oral, a qual merece um lugar de maior destaque em relação à atualidade para que os alunos tenham parâmetros de comparação e desenvolvam o pensamento crítico no ensino de sua língua materna.

Assim concluo o presente trabalho esperançoso de que a língua oral ganhe mais espaço no ensino formal tornando-o mais maleável e adequado aos naturais gramáticos, o aluno falante do PB.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Lexicon, 2009.

ROCHA LIMA, Palomma. **Gramática normativa da língua portuguesa** - 49ª edição. Atualização do texto e revisão do original Sônia Peçanha. Revisão do original e provas Ângela Maria de Rocha Lima. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

PERINI, Mário A.; BARROS. **Gramática descritiva do português** - 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. - 37ª edição. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

LUNGUINHO, Marcus vinicius da Silva; MEDEIROS JÚNIOR, Paulo. **Inventou um novo tipo de sujeito**:  
<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1141/979>

ROCHA LIMA, Palomma. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chamblis Hoffnagel (orgs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira et al. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

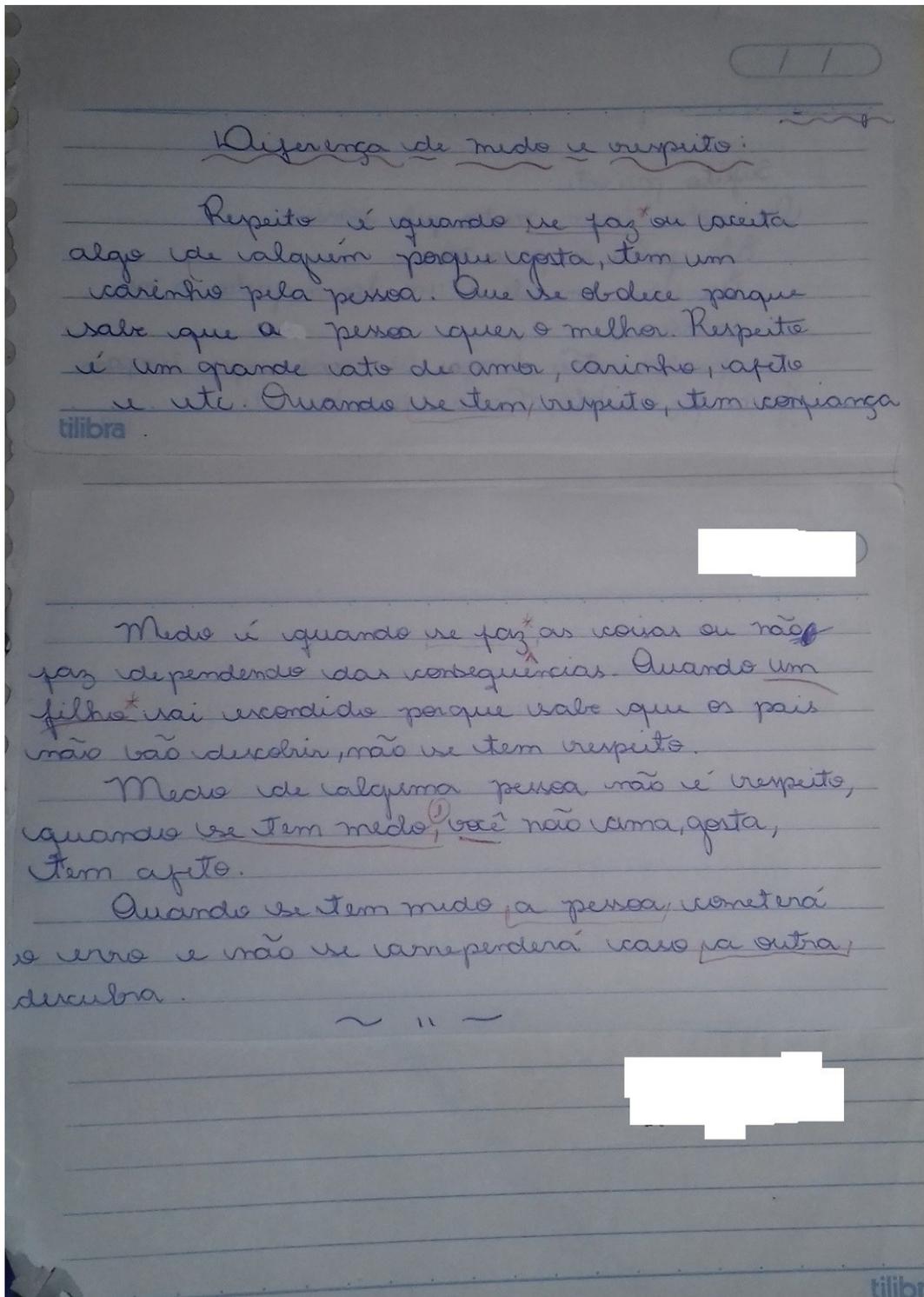
CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

PERINI, Mário A.; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

DUARTE, Maria Eugênia. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs). **Ensino da gramática**: Descrição e uso. São Paulo: Editora contexto, 2009.

## ANEXOS

1 - alunaA8ef



2 - alunaB8ef

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

SMILEY WORLD

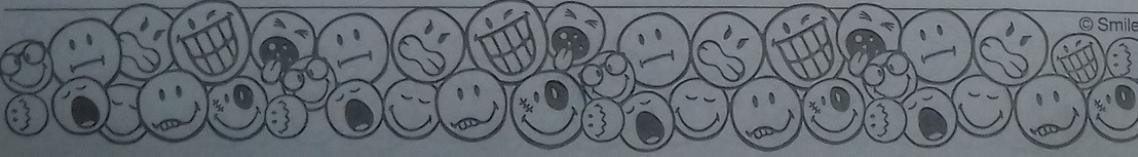
## Diferença entre medo e respeito

Na sociedade, existem diversas formas de demonstrar a completa diferença entre medo e respeito. Tomamos por base os flertes, que na maioria das vezes é de apenas aquela bolinha que estava em cima do pratinho de sua casa. Vamos supor que você ~~pegar~~ pegar a bola, você a pegaria ou não pegaria sabendo que aquilo era de outra pessoa ou até mesmo <sup>pequeno</sup> sua consequência. Pode ser apenas uma bola mas não era sua.

Se você "respeita" seus pais apenas pelo medo do que eles fariam com você, você não os respeita, e assim obedece com medo do que eles pedem e não fazem.

te

Falou desenvolver melhor o conceito. Vá lá em este exemplo



© Smile

3-alunaC8ef

D S T Q Q S S

A diferença entre  
medo e respeito

Muitas vezes respeitamos as pessoas por admiração, é muito difícil ver ter respeito por alguém que não te respeita, tem pessoas que tem medo, as vezes de respeito, precisamos parar de ter medo das pessoas e respeitá-las!

Quando falamos sobre respeito, falamos sobre parar de falar mal dos outros.

Muitas pessoas confundem medo com respeito porque se ver colocar medo nas pessoas elas vão sem respeito, mas não vão ter respeito por ver em outros lugares.

Por exemplo: Se meu professor estiver falando, precisamos respeitá-lo, pois ele é uma autoridade diante nos. E outro se não presta atenção sobre o que ele está falando nos nos prejudicar, pois depois não vamos saber o que responder, quando ele fizer um pergunta.

Tão como parar de ter medo e respeito das pessoas se <sup>quisermos</sup> queramos ser respeitados. Não somos ninguém para falar mal das pessoas.

🌸 O mundo está precisando respeito!

SÃO DOMINGOS

4-alunaD8ef

## A diferença entre medo e respeito

Quando uma pessoa tem medo de você, ela não te obedece porque te respeita, mais sim porque tem medo das consequências.

É mais fácil respeitar quem você ama porque essa pessoa não te ameaça e sim te inspira, na figura da mãe, do pai, do avô e da avó. Podemos definir muito bem a característica do respeito. Já na figura do policial, do político brasileiro e do bandido definiremos a palavra medo porque alguns policiais abusam do poder que têm, maltratando as pessoas, os políticos acabam com o país com a sua desonestidade e os marginais nos fazem sentir o próprio medo e da insegurança.

A desigualdade social faz com que a maioria das pessoas vivam à margem da sociedade com difícil acesso à segurança e educação, tirando assim a sua tranquilidade, deixando-as assustadas e amedrontadas pelo falta de conhecimento, isso o torna rebelde podendo perder o senso de respeito.

## 5-alunoE8ef

Redação

O respeito é necessário, pois sem ele todo mundo se tratairia mal.

Na minha opinião é bem melhor respeitar por obrigação do que por medo, porque na obrigação você vale quem tem que respeitar a pessoa e respeita com carinho, já no medo você respeita com lamelas, como "fala comigo direito se não voupanha", "dê a louça se não vai ficar sem celular", "faça o dever de casa se não vai ficar sem intervalo". Chô me?

Então vamos respeitar os nossos pais, professores, todos eles merecem o nosso respeito.

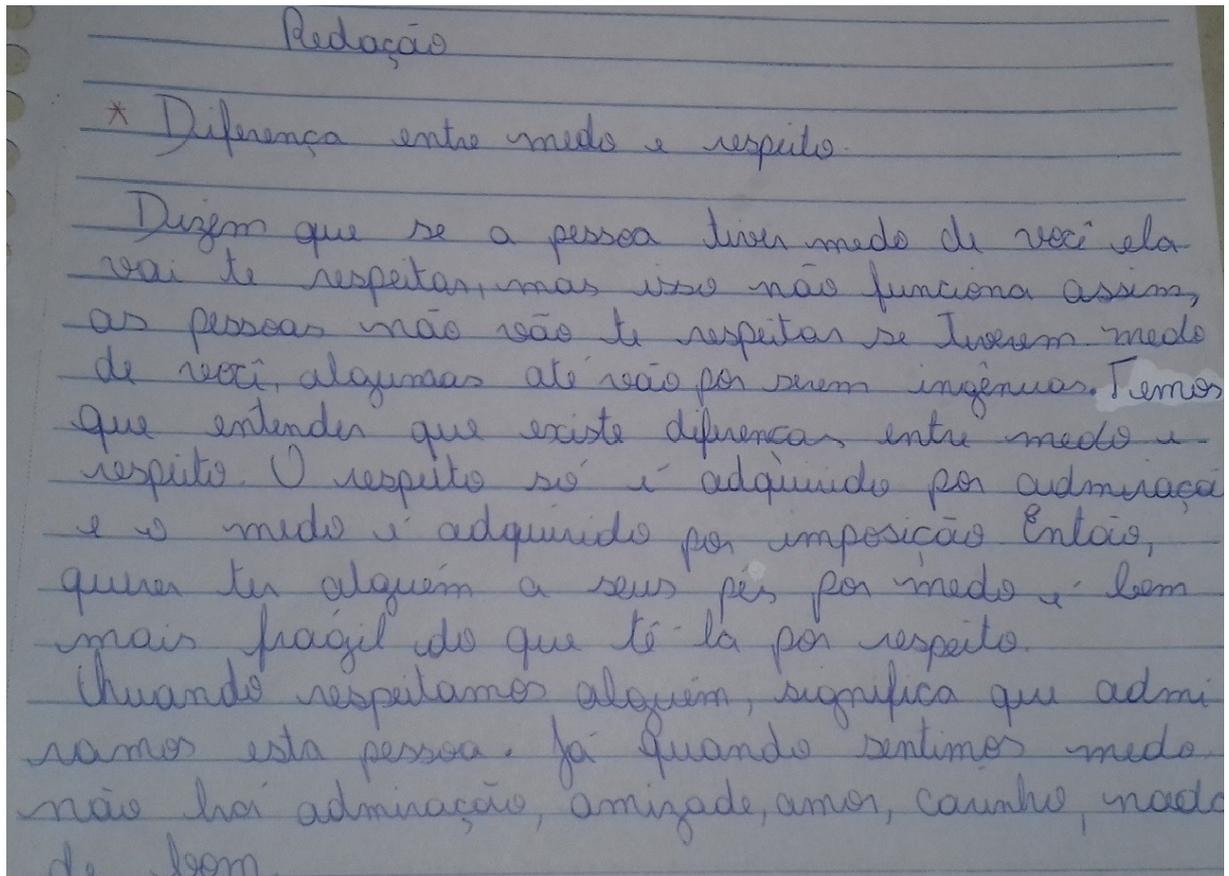
## 6-alunaF8ef

Uma grande diferença é a obediência. Se tenho somente medo não vou obedecer a ninguém, mais se tenho respeito por alguém, mais se tenho respeito pela pessoa vou obedecer essa pessoa perto ou longe dela, pois tanto respeito por ela.

É por isso que muitas perdem valores, obedecem somente o medo e não o respeito.

Se as pessoas respeitarem mais as outras o mundo seria melhor, se ficarmos somente com medo das consequências nunca vamos aprender a respeito de verdade, pois o medo nos paralisa e nos dá a obediência sempre.

7-alunaG8ef



8-alunoH8ef

## Temo: diferença entre medo e respeito

**Medo:** medo é quando tem medo de algo ou alguma coisa aí não sai correndo ou se esconde ou fala que não tem medo pro seus pais ou professores. E também mesmo mente ou dos nossos pais e dos mais velhos para que nos olhasse o cabelo e dedizes nesse pro algumas pessoas esse é ato de medo que os pais fazem nos como caso de errado ou uma coisa que ele não goste aí ele fica com raiva de nós e não com medo dele. ~~Com medo dele~~

**Respeito:** respeito é quando você respeito os mais velhos os pais e professores que ajudam a nos aprender e que nos sabe hoje. O respeito ele também demonstra sentimento por uma pessoa ou por uma entidade. Respeito não deve ser confundido com tolerância porque tolerância não é necessário então nenhum sentimento herdado e não vem associado com respeito e contrários de respeito. Isto também porque no maioria dos idiomas se diz que o respeito deve ser merecido e não comprado porque se não quiser respeito então mereço.

## 9 - alunaJ8ef

Há uma grande diferença entre medo e respeito. Medo é um sentimento que nos deixa apunhaçados sobre determinado assunto ao seu cãg. Quando se trata de respeito, é algo totalmente diferente! Respeito é (evidentemente) algo natural de ser humano. Nós devemos respeito a exatamente todo mundo! Muitos ainda têm medo do que respeito, medo é bem diferente de respeito. A grande maioria não gosta com os pais por ter respeito a eles, e sim, porque tem medo das consequências que essa atitude causará a eles. Muitos gostam de respeito a professor, e sim tem medo do que ele pode fazer com você e sua vida caso você não o obedecer. E isso é triste. Rep bem, eu não estive dizendo que não devemos ter medo, e sim que respeito é algo essencial que todos devemos ter em mente, e muitos tiveram respeito em rãz de medo, maioria de muitos conflitos e guerras poderiam ser evitadas.

## 10-alunaL8ef

**Medo:** O medo é uma coisa que muitos têm, é tipo um ~~persoal~~ ~~o~~ ~~medo~~ ~~por~~ que as pessoas ~~tem~~ <sup>tem</sup> uma coisa que é estranha e isso terá medo da coisa.

**Respeito:** O respeito é quando as pessoas têm atitude de consideração à pessoa por que muitos não tem, ~~mas~~ e ~~isso~~ ~~ter~~, se um mundo tivesse mais respeito seria um mundo de paz.

11-alunaA9ef

Diferença entre suspeito e medo

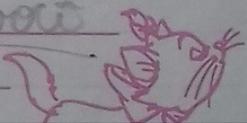
Na relação entre as pessoas existem vários tipos de comportamentos. O ato de suspeitar com teu pai pode ser empurrado com amor, carinho e respeito por um blitz além de suspeito. O medo porque normalmente a polícia \* está procurando suas falhas pode te suprimir ou até mesmo matar causando danos financeiros, a conduta da polícia quase sempre é autoritária e quando eu sou eu não tenho muita compreensão, eu sei, não entendo seus direitos, agindo gerando medo. As pessoas podem agir diferente de acordo com seu nível econômico ou nível social, depende do sentimento, educação e da psicologia de cada um. Devemos respeitar a todos e evitar o medo recorrer, enfrentar os problemas frente.

Contra-rio, o cidadão pode ficar angustiada, inseguro e assim perder totalmente o controle da situação.

Devemos agir com firmeza e saber definir bem a diferença entre o medo e o respeito.

12-alunaB9ef

A diferença entre o medo e o respeito é muito clara. Mas o que se sabe é que o medo pode ser ruim relativo a <sup>1</sup> o que se sente, como por exemplo, quando uma pessoa sente medo de cobra, esse medo não vai evitar que essa pessoa chegue perto de uma cobra e com isso não vai ser picada por uma cobra, mas, quando uma pessoa tem medo de falar em público, ela pode perder grandes oportunidades em sua vida, mas, isso quando trata-se de algo, mas o medo pode ser relativo mas, quando refere-se a alguém o medo é sempre ruim e o respeito é bom porque, quando se tem medo de uma pessoa, isso não se importa com a pessoa ou com os sentimentos dela, mas, sim, com as consequências ao contrário, é, quando se tem respeito por uma pessoa, isso faz as coisas porque se importa com a pessoa ou com o que ela sente, por exemplo, se isso tem medo dos seus pais, isso os obedece, mas porque se preocupa



13-alunaC9ef

A diferença entre o respeito e o medo  
 use sujeito ~~preenche~~ no início do texto

Os ~~dois~~ <sup>dois</sup> sentimentos, como ~~é~~ <sup>são</sup> considerados o medo e o respeito, apresentam uma diferença entre si, pois não se pode sentir por alguém ~~esses~~ <sup>esses</sup> sentimentos juntos, porque não ocupam o mesmo espaço em um ser, que ou será ocupado por medo de alguém <sup>(1)</sup> e não o respeitará, ou sentirá respeito por ~~ou~~ <sup>ou</sup> ~~três~~ <sup>três</sup> não medo. O grande dilema é saber como diferenciá-los para manter uma relação melhor entre a sociedade ~~é~~ <sup>com</sup> ~~redta~~.

~~Sentir~~ <sup>\* sentir</sup> medo ~~de~~ <sup>de</sup> alguém é temer ~~as~~ <sup>as</sup> consequências dos atos considerados contrários aos estipulados pelo outro, pois sobre a maneira de agir do outro. Geralmente, alguma ação pedida ou mandada ~~é~~ <sup>é</sup> ~~percebida~~ <sup>é</sup> vista como ameaça se não cumprida, e será atendida pelo ~~parceiro~~ <sup>parceiro</sup> das consequências e não por boa vontade, as atitudes de quem se tem medo são brutais, grotescas, ignorantes e até mesmo violentas. Não se estabelece ~~uma~~ <sup>uma</sup> relação mais íntima por meio de atitudes ~~mandatadas~~ <sup>mandatadas</sup>, aprovação e aprovação de seu comportamento.

É não se tem respeito ~~por~~ <sup>por</sup> ~~alguém~~ <sup>alguém</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> quem se sente medo, porque o respeito é tratar de maneira respeitosa, com gentileza <sup>(2)</sup> e não dirigindo, não agir de maneira contrária a uma decisão, orientação ou regra, não por medo, mas por uma certa relação de amizade, não temendo as consequências dos atos "errados", por ter uma educação em embora as partes, não se prejudica ou ofende, seja com palavras ou ações.

O medo é uma forma de expressão de expressão ~~sentimentos~~ <sup>sentimentos</sup> ou opiniões, não se pode fazer com que um indivíduo sinta medo, pois causa danos psicológicos ou físicos. O respeito é um privilégio ~~que~~ <sup>que</sup> todos ~~devem~~ <sup>devem</sup> ter e receber, respeitar não é concordar, mas acatar as diferenças que cada um apresenta, sem desrespeitos, irrespeitos, falta de educação ou ofensas. Onde se encontra o medo (forma de expressão) não se tem o respeito (liberdade de expressão) e vice-versa.

sentimentos ou opiniões, não se pode fazer com que um indivíduo sinta medo, pois causa danos psicológicos ou físicos. O respeito é um privilégio ~~que~~ <sup>que</sup> todos ~~devem~~ <sup>devem</sup> ter e receber, respeitar não é concordar, mas acatar as diferenças que cada um apresenta, sem desrespeitos, irrespeitos, falta de educação ou ofensas. Onde se encontra o medo (forma de expressão) não se tem o respeito (liberdade de expressão) e vice-versa.

14-alunaD9ef

A diferença entre o medo e o respeito, por ter respeito não é necessário que as pessoas tenham medo de você porque o respeito tem que ser conquistado pelas pessoas, o medo não faz ter respeito, quem tem respeito, respeite as pessoas isso é necessário, as pessoas são hipócritas, só que não merecem o medo, não fazem nada para merecer, admirem pessoas que respeitam outras pessoas que respeitam seus limites. Respeito um não, sem medo, o medo pode atrapalhar em compartilhar e seus momentos ruins, o medo de pessoas julgar não te entende, o medo pode atrapalhar seu relacionamento e te afastar de pessoas que você mais quer por perto, porque o medo vai mais além do que o respeito, entende, você sendo um pouco autônomo, se tem um arma não te faz ter respeito, sendo que você coloca o medo de pessoas não vai te respeitar, não respeita seus conceitos e vê o que você está fazendo para as pessoas sentirem isso de você, o medo tem que deixar de ser mais importante, porque a pessoa tem aquilo que é mais lindo que é a confiança, os seus sentimentos não vão ser mais importantes.

Não tenha medo de seus pais, alguns pais não tem o respeito de seus filhos, porque não está presente em sua vida de um modo que faz a briga, bater, pode ter certeza que aquilo que ele vai sentir por você vai ser medo por que respeito você não vai ter.



16-alunoF9ef

Medo e Respeito

O medo e o respeito são coisas bem diferentes, até mesmo podemos ver essa diferença pelos seus significados, o medo é um estado emocional que surge em resposta à consciência perante uma situação de eventual perigo, já o respeito de latim *respectus*, é um sentimento positivo e significa ação ou efeito de respeitar, apreço, consideração, deferência. Mas, o ponto principal é, (como conseguir respeito). Para conseguir respeito, temos que merecer, por isso não devemos fazer a pessoa ter medo de nós para ganharmos respeito. Se nós formos duras ou agressivos com uma pessoa (afim) de conseguir respeito, não vamos estar fazendo a pessoa nos respeitar, e sim nos temer.

17-alunaA2em

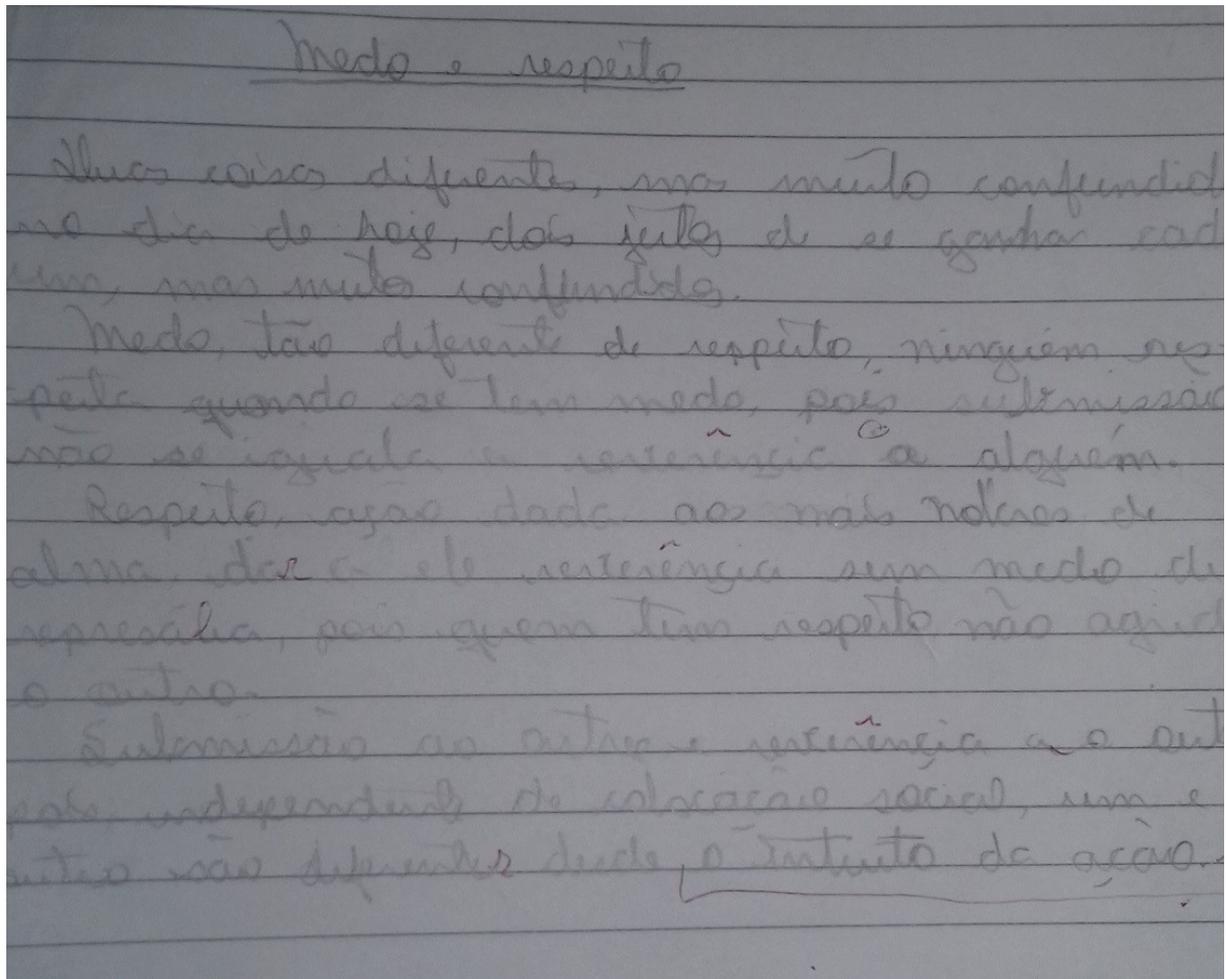
## Respeito e medo

De fato é correto afirmar que existe uma grande diferença entre medo e respeito pois ambos são adquiridos de formas completamente diferentes e isso é o que os tornam tão diferenciados.

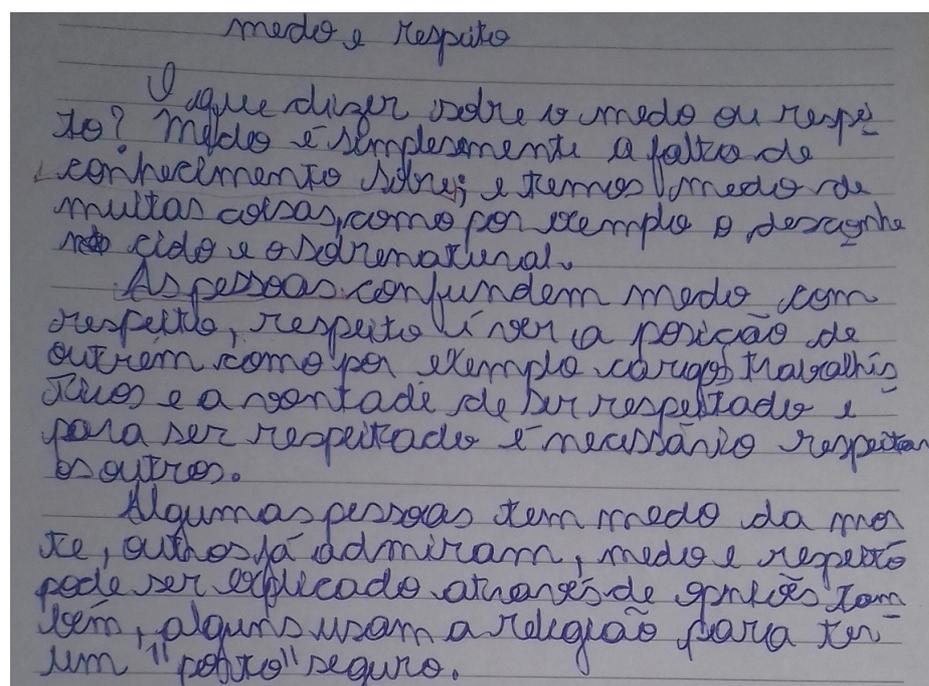
Existe uma frase onde está escrito que, o respeito é conquistado, já o medo é imposto, e de fato uma criança que tem prazer em cumprir uma ordem imposta pelo pai terá como base de tudo o respeito, já uma criança que segue as ordens com medo de apunhalar não tem como base o mesmo que é sentido por alguém que faz por prazer pois o medo é o real motivo.

Tratando-se de respeito e medo é importante falar onde tudo isso começa, é necessário lembrar que tudo isso começa no processo de aprendizagem, seja em casa, na escola, na rua ou em qualquer lugar. As pessoas que tentam nos educar geralmente procuram impor o respeito de uma melhor forma pois quando tentam impingir isso de uma forma forçada usse sentimento viva medo.

18-alunoB2em



19-alunoC2em



20-alunoA3em

Respeito e medo

Para sabermos a diferença entre medo e respeito, precisamos saber o legado de cada um. O respeito acompanha admiração, quando respeitamos alguém estamos mostrando admiração e caráter acima de tudo, respeito é algo que deve ser ministrado a todos, sem exceções. Já o medo é quando um ser inferior reconhece outro como superior, é quando compreendemos que o outro pode de alguma forma nos afetar e demer nos.

Essas duas palavras chamadas medo e respeito, podem ter um significado ou compreensão semelhante em alguns momentos, e outros não. A partir do momento que respeitamos alguém, ~~estamos~~ <sup>estamos</sup> reconhecendo que o outro merece a mesma atitude que "eu" quero receber. Quando ~~mostro~~ <sup>mostro</sup> respeito, mostro a mim mesmo e para sociedade que as mesmas atitudes não devem ser tomadas para somente me favorecer, mas também pensando no próximo. Já o medo tem uma mensagem semelhante, mas exprime um significado distinto do respeito. Quando sinto medo de alguém por exemplo acabo o respeitando, não porque compreendo que é o certo, mas porque tenho conhecimento que outro ~~me~~ <sup>me</sup> pode fazer algum mal.

Traremos certos argumentos e pensamentos disso tudo. Aprendemos que para ser respeitado não é necessário colocar medo em alguém, mas ter atitude no nome dia a dia que possa mudar nossas vidas e não somente isso, mas, para mudar o mundo também.



22-alunoC3em

Redação:

Qual a diferença entre  
o Medo e o Respeito?

Medo e respeito são coisas bem diferentes, enquanto um é algo natural, que vem desde a origem de cada um, e outro é algo que é adquirido durante o ~~o~~ crescimento, que é deixado por experiências ~~de~~ vivenciais.

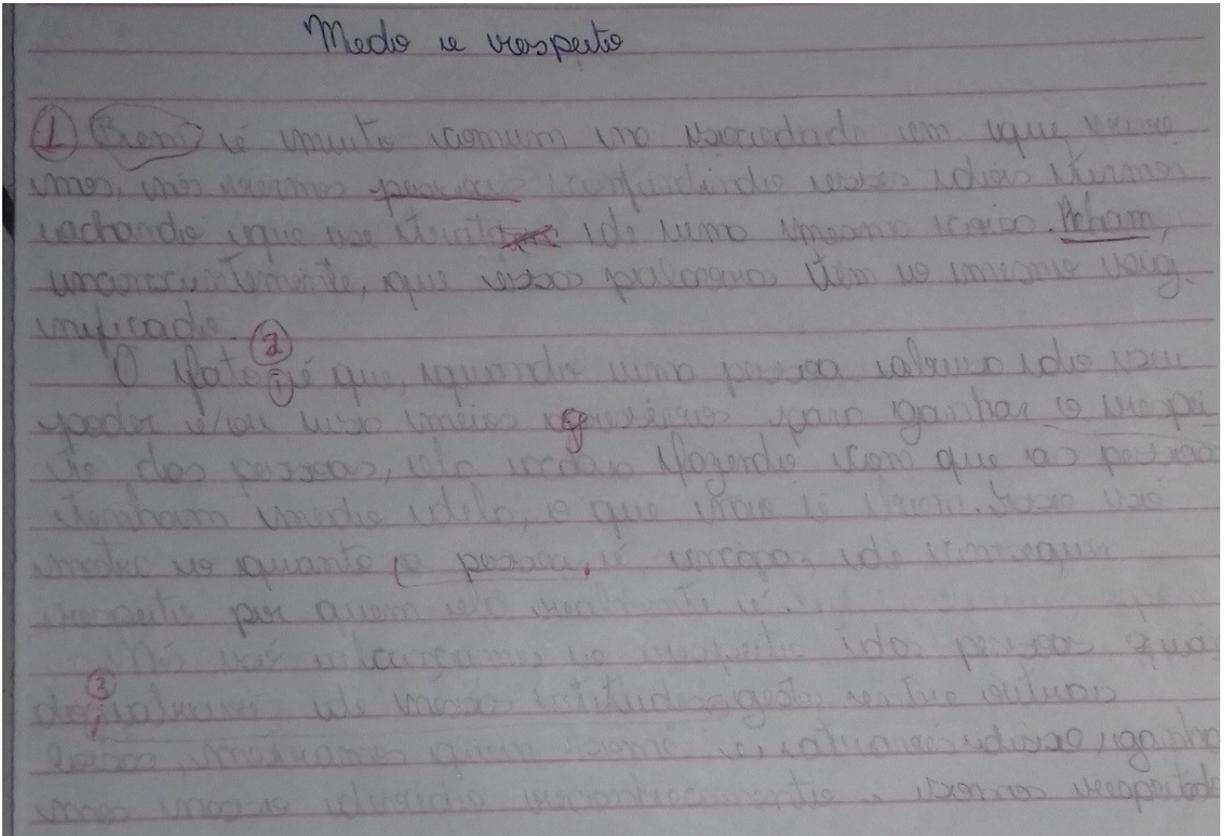
Algo <sup>1</sup>instintivo na vida de qualquer ser humano, e medo, que por ser algo <sup>1</sup>instintivo, <sup>1</sup>não tem como <sup>1</sup>não sentir, principalmente em momentos de perigo, que fazem com que as pessoas sintam "medo", <sup>2</sup>mas é <sup>2</sup>o que surge a coragem, de enfrentar esse medo, é claro que existem situações onde é melhor <sup>1</sup>recuar, <sup>2</sup>mas existem outras <sup>1</sup>que é preciso uma atitude, <sup>1</sup>ter coragem e lutar, não deixar o medo covarde, <sup>2</sup>mas <sup>2</sup>isso vai de cada um. Um exemplo de situação como essa, é o momento em que o Brasil vive, com todos esses problemas, que só afetam cada vez mais milhões de vidas, pessoas tem medo de sair de suas casas e lutar por seus direitos, <sup>2</sup>mas nesses momentos que todos devem levantar a cabeça e lutar, ter a atitude e coragem de lutar, de abraçar

23-alunoD3em

O que se entende como respeito hoje em dia <sup>(1)</sup>  
 é que deve-se entender que deve respeitar os próximos, como  
aceitando as diferenças, normas, que a sociedade gera  
 em si, para haver um meio de harmonia no convívio  
coletivo. Já o ódio entende-se como uma manifestação  
de raiva mediante a cruel perseguição, pelo por uma  
causa ou motivo que a lede a gerar tal ódio e  
mas algo interessante é que para se gerar respeito  
deve-se compreender e que for gerar ódio, pois nas mais  
diversas áreas e situações da vida e lance do convívio  
em sociedade é bastante complexo, onde existem grupos de  
pequenos grupos entre si regras e leis, para manter um seu  
seu comum, e para sentido comum e deve se exercer o respeito,  
onde qualquer indivíduo ocorre a regra de respeitar a seu seu  
próximo, aprende a conviver e a tolerar tais diferenças diferen-  
ças, pois devido a diversidade cultural sempre há um  
check cultural, por certos lugares do mundo em determinados  
com uma determinada cultura, pois em comparação a outras situações  
al regra não é equívoca e ocorre causando diferenças e até mesmo  
em ódio, onde o indivíduo para a não deixar apenas e gerar  
respeito, como forma de reclamar com exemplo.  
 Mas o respeito é simples, basta investir em educação  
para que as países para menos mantenha o respeito, para  
construir um ambiente de paiz e



25-alunaF3em



26-alunaG3em

Redação

Tema: Medo e Respeito

Existe uma relação entre o medo e respeito, pois, uma manifestação dos rezes, o respeito é movido pelo medo. São quem dizem que as pessoas respeitam o que é autoridade. Um exemplo <sup>1</sup> os reis, os reis que têm <sup>2</sup> respeito pelos <sup>3</sup> pais que são os amos, <sup>4</sup> mas para isso os pais precisam do respeito aos filhos para dar tudo certo. Porque muitos rezes para <sup>(1)\*</sup> ter respeito <sup>(1)\*</sup> precisa ter medo? Pois em alguns casos precisam usar mais autoridades para poder explicar quem manda e ter uma relação boa entre as pessoas. Um exemplo que mostra isso são os contos e o episódio "Todo mundo odeia o Chris" que aborda em seus episódios, <sup>5</sup> que sempre tinham aquele que era mais autoridade no escola \* tinham medo dele. Mas o respeito em algumas coisas usa uma manifestação dos rezes sem de coisa, onde os pais ensinam os seus filhos que devem respeitar todos, inclusive e principalmente os mais velhos (idosos).

Conclui-se que o respeito é fundamental para <sup>1ª pessoa</sup> termos uma relação saudável entre pais, filhos, avós, tios e primos etc. E o medo é algo que sentimos muitos rezes para respeitar, e não fazer nada de ruim com os outros.

27-alunaH3em

## Medo e respeito

Medo e respeito tem significados totalmente diferentes um do outro.

Respeito é quando você tem admiração por alguém ou alguma coisa, principalmente em pessoas, isso em atos de um conhecimento e admiração, pelos atos, um exemplo desse é entre família, quando seus filhos respeitam seus pais e seus pais pelos seus filhos. \*

O medo em atos de uma desconfiança, ocorre principalmente na infância não sente segurança em desafiar com alguém maior, ou até mesmo os pais. O medo não é da ca ta amizade, carinho, harmonia, e isso faz com que essa pessoa se afaste no mundo da sociedade por medo de se machucar ou por ter passado por alguma experiência, e não presta nenhuma atenção na mesma hora o respeito, certamente não confia no amor.

28-alunaJ3em

## Medo e respeito

O medo e o respeito são <sup>dois</sup> sentidos diferentes, ou seja, com o medo o ser não aprende a respeitar, pois se tiver essa sensação o indivíduo não aprende o que é honrar, no entanto, medo é respeito ter temor a algo ou a alguém e respeito é ter consideração e carinho.

Para levar a pessoa ao ponto de temer horrores de alguém, esse ser\* pode ter sofrido agressões físicas ou psicológicas. Por exemplo, se o pai agredir o filho no lugar de educá-lo ele vai obedecer o pai na base do medo e não na forma do respeito.

Hoje em dia a sociedade confunde os dois sentidos e não consegue localizá-los? Portanto, querem tomar essa postura de modo geral, isto é, pretendem frequentemente dizer que uma exclui a outra. Como no seriado "todo mundo odeia o Chris" existe um episódio com o título "todo mundo odeia os <sup>os</sup> ~~respeitadores~~" onde mostra essa realidade, quanto mais mostrar raiva e agressão à outra pessoa, menos vai ser o respeito dado por ela, e <sup>maior</sup> ~~é~~ maior medo.

O pensador Alfredo Martini diz que "o medo está ligado ao poder, que é concedido. O respeito está ligado ao amor". Para que este problema seja resolvido os pais devem ensinar o filho de modo compreensivo e ~~castigado~~ de modo correto. Sobretudo, é possível mudar o que a maioria confunde ~~o~~.



30-alunaM3em

### → Diferença entre medo e respeito

Pois o tema não conta como referência, marque bem a referência no texto.

Os seres humanos costumam confundir essas duas coisas, normalmente se ouve dizer coisas do tipo "seu funcionário tem medo de você" ou "isso não é medo e respeito".

A principal diferença é que o medo é adquirido por imposição e o respeito por admiração, entretanto, a maior parte das vezes o respeito é movido pelo medo, isso significa que o ser humano respeita sobretudo a autoridade.

O respeito pode ser adquirido de várias maneiras, a forma mais simples é ser temido, porém esse tipo de respeito trás raiva, rancor e é extremamente frágil pois a qualquer momento você pode perdê-lo.

Em alguns casos o respeito pode ser adquirido através do caráter, honestidade, dignidade e sabedoria <sup>fazendo</sup> esse tipo de respeito ser duradouro e mesmo que seja uma autoridade, você não terá medo e sim respeito, pois nada foi imposto, e sim adquirido e demonstrado que era digno de ser respeitado.

O medo muitas vezes tem que aumentar a voz, castigar, ou até mesmo usar força física, como é o caso da relação dos pais e filhos, por isso sempre se deve ter cuidado para muitas vezes confundir o medo e o respeito.